

Irã diz estar pronto para levar guerra contra EUA e Israel até o fim

Simultaneamente, o Irã negou ter solicitado acordo junto aos Estados Unidos

O ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, declarou nesta segunda-feira (16) que seu país está disposto a levar a guerra contra Israel e Estados Unidos até o fim, tão longe quanto for necessário.

“Acho que agora eles aprenderam a lição e entenderam com que tipo de nação estavam lidando: uma nação que não hesita em se defender e está pronta para levar a guerra até o fim, aonde quer que ela leve, e ir até onde for preciso”, declarou em entrevista coletiva.

Pouco mais de duas semanas depois do ataque de Israel e EUA a Teerã, o conflito segue com o Irã atacando bases militares americanas e instalações de interesse econômico em seus vizinhos do golfo Pérsico, bem como infraestrutura civil —aeroporos, portos e instalações petrolíferas.

Desde domingo, ataques de drones iranianos fecharam temporariamente o aeroporto de Dubai e atingiram uma importante instalação petrolífera nos Emirados Árabes Unidos.

Israel, que também manteve seus bombardeios a alvos em todo o Irã, afirmou que possui planos detalhados para pelo menos mais três semanas de guerra. O porta-voz militar israelense, Nadav Shoshani, disse que também existem planos adicionais para um período mais longo.

“Queremos garantir que eles estejam o mais fracos possível, este regime, e que degrademos todas as suas capacidades, todas as partes e todos os braços de seu aparato de segurança”, disse Shoshani.

O presidente Donald Trump afirmou no sábado que o país persa estaria vencido e em busca de um acordo. “A mídia que divulga informações falsas e odeia reportar o quão bem o Exército dos Estados Unidos tem se saído contra o Irã, que está totalmente vencido e quer um acordo, mas não um acordo que eu aceitaria”, escreveu na Truth Social.

Na última semana, o americano já havia declarado que a guerra acabaria quando ele



Ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, afirmou que o Irã não vai se render

assim quisesse e que “praticamente não sobrou nada para atacar” no Irã. Pouco tempo depois, ainda na quarta (11), Trump disse que os EUA venceram a guerra. “Nós vencemos. Deixe eu dizer uma coisa: nós vencemos. Nunca queremos dizer que ganhamos antes da hora, mas nós ganhamos. Na primeira hora, a guerra já tinha acabado”, disse.

Araghchi, o chanceler iraniano, afirmou nesta segunda que o Irã não solicitou um cessar-fogo para a guerra e nem trocou

comunicações com os EUA. No domingo (15), ele já havia dito que este conflito só acabará quando Teerã se certificar de que ele não será reiniciado.

“Esta guerra terminará quando tivermos certeza de que não se repetirá e que as reparações serão pagas. Vivenciamos isso no ano passado: Israel atacou, depois os Estados Unidos... eles se reagruparam e nos atacaram novamente”, disse, referindo-se à guerra de 12 dias do Irã com Israel e os EUA em junho de 2025.

O ministro disse que Teerã possui “amplas evidências” de que bases americanas no Oriente Médio —que estão sob alvo do Irã— têm sido usadas para atacar a República Islâmica.

“Temos amplas evidências disso: imagens de satélite e vigilância eletrônica demonstram que bases americanas nesta região estão sendo usadas para ataques”, disse ao veículo de notícias Al-Araby Al-Jadeed. Segundo ele, mísseis foram lançados dos Emirados Árabes Unidos para atacar a ilha de Kharg, um importante centro petrolífero iraniano. Araghchi ainda alertou outros países que, caso intervenham, haverá “uma escalada” na guerra.

O chanceler reiterou que o estreito de Hormuz, por onde passa um quinto da produção de petróleo mundial, está fechado apenas para “inimigos e aqueles que apoiam sua agressão”. Um porta-voz do ministério acrescentou que os países que não participam da guerra têm conseguido transitar com seus navios, mediante coordenação e autorização do Irã.

Araghchi afirmou que diversos países estão entrando em contato com Teerã para garantir a passagem segura de suas embarcações. Ele não mencionou quais nações.

Em resposta, o presidente Donald Trump aumentou a pressão à comunidade internacional para garantir a segurança do estreito e pediu à Otan e a Pequim que enviem navios de guerra para a região.

“É justo que aqueles que se beneficiam desse estreito ajudem a garantir que nada de ruim aconteça ali”, disse ele, após prometer que a Marinha dos EUA começaria a escoltar petroleiros “muito em breve” na região. Ele ainda ameaçou haver “consequências muito ruins para o futuro da Otan” caso os países membros da aliança se recusem a cooperar.

Em publicação na Truth Social, Trump ainda escreveu que esperava que China, Japão, Coreia do Sul, França e Reino Unido contribuíssem.

Por Folhapress

Cuba sofre falha total da rede elétrica e fica no escuro

O operador estatal de energia elétrica de Cuba afirmou que a rede do país colapsou nesta segunda-feira (16), deixando todos os cerca de 10 milhões de habitantes da ilha sem luz. O país vive atualmente um bloqueio imposto pelos Estados Unidos sobre o petróleo, fundamental para a sobrevivência do setor energético da ilha.

O bloqueio já dura cerca de três meses, aprofundado pela captura do ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, no início de janeiro. Caracas, agora liderado por Delcy Rodríguez sob a tutela de Washington, era o principal fiador energético da Havana.

A empresa afirmou em publicação na rede social que não foram detectadas avarias em nenhuma das usinas termelétricas em funcionamento do país quando a des-

conexão total do sistema ocorreu. Não há ainda informações sobre causas ou previsão de retomada do serviço.

A ilha já vivia sob apagões constantes há anos, problema que se aprofundou já no ano passado.

No sábado (14), manifestantes críticos ao regime atacaram um escritório do Partido Comunista no centro de Cuba, informou um jornal estatal, em uma rara explosão de dissidência pública provocada pelos apagões.

Cuba recebeu apenas duas pequenas embarcações com importação de petróleo neste ano, de acordo com dados de rastreamento de navios da LSEG vistos pela agência Reuters nesta segunda-feira.

O primeiro navio-tanque descarregou

combustível em janeiro no porto de Havana, vindo do México, que também era um fornecedor regular para a ilha até então. A segunda embarcação, vinda da Jamaica, descarregou gás liquefeito de petróleo em fevereiro.

A estatal venezuelana PDVSA carregou gasolina no mês passado em um navio-tanque que havia sido usado anteriormente para transportar combustível para Cuba, mas a embarcação não deixou as águas venezuelanas, conforme mostraram documentos da empresa do país e dados de monitoramento de navios.

O regime cubano tem conversado com a Casa Branca, conforme admitiu o líder Miguel Díaz-Canel, em anúncio televisado na última sexta-feira (13).

O contato não é inédito. Embora antagonistas, os dois países já passaram por outros momentos de negociação desde que a Revolução Cubana tirou do poder o ditador Fulgencio Batista, aliado dos EUA, em 1959. De lá para cá, ao menos 13 presidentes americanos tentaram, sem sucesso, alterar o status quo da ilha, combinando pressões estratégicas e cálculos domésticos.

Em nenhum momento, porém, os ventos pareceram tão favoráveis a Washington, que coloca a ilha como próximo alvo de movimentos agressivos da diplomacia do segundo mandato de Trump que refletem sua “Doutrina Donroe” de intervenções no Hemisfério Ocidental.

Por Folhapress